

I. SESSÃO DE ABERTURA

Este Seminário é promovido pelo Senado Federal e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES. Conta também com a participação do governo federal, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

Convidamos para compor a mesa o presidente do Senado Federal, senador Renan Calheiros; o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Aldo Rebelo; o Ministro Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Luiz Dulci; o ministro da Controladoria-Geral da União, Waldir Pires; o presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, senador Luiz Otávio; o líder do governo no Senado Federal, senador Aloizio Mercadante; o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, Guido Mantega; o secretário executivo da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe, José Luis Machinea; a sra. Rosa Freire d’Aguiar Furtado, viúva de Celso Furtado. Ouviremos, agora, a sra. Rosa Freire d’Aguiar Furtado.

ROSA FREIRE D’AGUIAR FURTADO – Não imaginei que fosse falar agora, queria dizer só duas palavrinhas. Celso faleceu em 20 de novembro do ano passado, faz praticamente um ano. Ainda embargo um pouco a voz. Por isso preferi fazer um pequeno *slideshow*, que será passado daqui a pouco. Preferiria falar sobre o Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, que foi levado à pia batismal anteontem, no Rio de Janeiro. Este Centro terá uma presidenta acadêmica, a professora

Maria da Conceição Tavares; uma presidenta cultural, eu mesma; e um presidente institucional, o professor Luiz Gonzaga Belluzo, que não pôde estar aqui agora de manhã. Fico muito feliz com a existência desse centro – iniciativa do presidente Lula –, de um espaço em que se preserve a memória de Celso, em que se discutam os temas que ele discutiu a vida inteira em torno do desenvolvimento. Este seminário vai na mesma direção, pois tratará de temas afins a Celso. Muito obrigada.

RENAN CALHEIROS – Ex.^{mos} srs. embaixadores, sr. presidente da Câmara dos Deputados, deputado Aldo Rebelo; sr. Ministro Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Luiz Dulci, eterno deputado Luiz Dulci, este Congresso Nacional tem muita saudade, mas muita saudade mesmo, da sua atuação como deputado, valoroso, que, durante muito tempo, funcionou como uma verdadeira referência para todos nós; sr. Waldir Pires, Ministro do Controle e da Transparência; sr. presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Guido Mantega; sr. presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, senador Luiz Otávio; senador Ney Suassuna, líder do PMDB no Senado Federal; sr. líder do governo no Senado Federal, senador Aloizio Mercadante; sr. secretário executivo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, sr. José Luis Machinea; sra. Rosa Freire d’Aguiar Furtado; srs. representantes do quadro diplomático; senhoras, senhores, demais autoridades.

Este seminário internacional marca um momento altamente significativo, em que especialistas de renome debruçam-se sobre o legado de um dos maiores pensadores da economia e da sociedade brasileira. No Senado Federal, que tem a honra de promover o evento, a iniciativa foi aprovada pela Comissão de Assuntos Econômicos, presidida, com o seu habitual discernimento, pelo senador Luiz Otávio.

Meu reconhecimento, portanto, e meus parabéns ao senador Luiz Otávio, que se estendem ao senador Aloizio Mercadante, grande quadro da política brasileira, pela lúcida inspiração de apresentar o requerimento para a realização deste seminário. Já não podia tardar esta homenagem e, mais que isso, essa tarefa intelectual de grande responsabilidade. Trata-se de avaliar, de uma perspectiva atual, a imensa contribuição de Celso Furtado para a compreensão da sociedade brasileira e do subdesenvolvimento.

Todo o percurso do pensador Celso Furtado foi movido pela certeza de que não basta interpretar a realidade. É preciso transformá-la. A paixão de Celso Furtado pelo Brasil foi uma paixão pelo país que existia, mas também pelo país que poderia ser.

Quando coordenou, por encargo do presidente Juscelino Kubitschek, um estudo aprofundado sobre os problemas da região Nordeste, sua preocupação obsessiva foi com os meios para a superação desses problemas. Desse estudo e das propostas que dele resultaram nasceu a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, a Sudene, com o objetivo de impulsionar a industrialização e a modernização do campo na região.

Não há dúvida de que a missão da Sudene deve ser aperfeiçoada à luz das necessidades atuais, para que seus objetivos sejam plenamente cumpridos. A simples permanência de acentuadas desigualdades regionais já demonstra a atualidade do pensamento e das preocupações de Celso Furtado, bem como justifica a recriação da Sudene, a restituição da Sudene, o que pretendemos fazer em um curtíssimo espaço de tempo.

Ontem mesmo tive a oportunidade de conversar com o presidente Aldo Rebelo. Pretendemos fazer, na próxima semana, uma reunião para que possamos pinçar algumas matérias interessantes, do ponto de vista do desenvolvimento do país, que podem, verdadeiramente, ser priorizadas tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal. E, claro, a recriação da Sudene, a restituição da Sudene é, talvez, a maior de todas as prioridades.

Dados do IBGE mostram que o PIB do Nordeste, ao invés de se aproximar dos 28% que sua população representa no total da população brasileira, caiu de 14,1% do PIB nacional, em 1983, para 13,8%, em 2003, uma pequena queda, mas, infelizmente, muito significativa. O desenvolvimento econômico defendido por Celso Furtado não pode ser desconectado do desenvolvimento social sem ser completamente descaracterizado. No Brasil e nos demais países latino-americanos, o crescimento econômico tem, necessariamente, de estar integrado à diminuição das desigualdades e, em particular, à distribuição de renda. Essa compreensão abrangente e inovadora embasou a atuação de Celso Furtado como Ministro do Planejamento, nos tempos difíceis do governo de João Goulart.

O pensamento teórico de Celso Furtado continuou sendo desenvolvido e enriquecido, tanto nos anos de exílio como após seu retorno ao Brasil, servindo como guia seguro para suas intervenções críticas quanto às estatísticas do país. Desse empenho em participar, em criticar, em apontar soluções, ele só se desincumbiria com a morte.

Tenho certeza de que nossos expositores, com a solidez de seu conhecimento acadêmico e com a riqueza de sua experiência política, econômica e administrativa, saberão, sem dúvida, iluminar as mais diversas faces do pensamento inconformista e original de Celso Furtado. Seus esforços, em particular, vão se dirigir ao questionamento da atualidade das idéias do mestre paraibano, em um mundo de mudanças tão aceleradas que em várias áreas persistem muitas das condições econômicas e sociais que motivaram a reflexão e a indignação ativa do pensador, que temos a honra de homenagear.

O Senado Federal tem buscado cumprir com toda a dedicação, equilíbrio e responsabilidade sua missão institucional. A gravidade da crise política e os trabalhos das comissões parlamentares de inquérito não têm prejudicado o exame e a decisão acerca das proposições legislativas. Neste ano de 2005, até o final de outubro foram aprovadas mais de 1.500 matérias no Senado Federal. Os senadores empenharam-se em votar matérias relevantes para o país, todas as MPs, principalmente a chamada MP do Bem, que foi aprimorada tanto na Câmara quanto nesta Casa; o Estatuto da Igualdade Racial; a mini-reforma eleitoral, um projeto de lei de iniciativa do Senado Federal que, sem dúvida, representa uma resposta do poder legislativo à sociedade, diante do abuso do poder econômico e do caixa dois nas campanhas eleitorais, o que abre as portas para a prática da abominável corrupção. Criamos também, o presidente Aldo Rebelo e eu, comissões que estão se aprofundando no estudo de importantes problemas do país, bem como das medidas legislativas mais eficazes para enfrentá-los. Uma delas dedica-se à tramitação das medidas provisórias de grande significado para o funcionamento do próprio Parlamento. Mais recentemente, foi constituído um grupo de trabalho para se dedicar ao tema da desburocratização, extremamente relevante para um país que foi avaliado como o quarto mais burocratizado do mundo.

Vale lembrar que, em seu último artigo publicado em vida, mestre Celso Furtado clamou por uma reforma fiscal tão repetidamente prometida

pelos governos recentes, como não deixou de frisar que só uma reforma fiscal efetiva vai redistribuir a carga tributária, desonerando a produção e as camadas de baixa renda. Com isso, será possível enfrentar problemas cruciais da economia brasileira, como a concentração de renda e as extravagantes taxas de juros.

O Senado Federal já votou e aprovou a reforma tributária. Agora, a Casa aguarda a apreciação da matéria pela Câmara dos Deputados. Sem dúvida que a Câmara, com todas as suas prerrogativas, saberá, como o Senado fez, aperfeiçoar ainda mais este projeto de reforma tributária, que tem começo, meio e fim, sobretudo, presidente Aldo, um calendário para a sua implantação, que servirá, entre outras coisas, para que nós, com esse calendário em mãos, possamos contornar dificuldades com relação à própria aprovação da reforma tributária.

Por fim, sabemos da importância de estimular reflexão aprofundada sobre os problemas do país, reunindo as esferas acadêmica e política e resgatando, nesse caso específico, a magnífica contribuição de um dos grandes brasileiros do século XX.

Desejo um ótimo proveito a todos os participantes e, mais uma vez, meus parabéns ao senador Aloizio Mercadante, ao senador Luiz Otávio, presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, e meus sinceros agradecimentos a todos os que participam deste seminário e, entusiasmados, também participam da criação do Centro Celso Furtado. Parabéns a todos.

MEDIADORA – Vamos ouvir o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Aldo Rebelo.

ALDO REBELO – Ex.^{mo} presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, prezado amigo, senador Renan Calheiros; prezado companheiro Luiz Dulci; prezado amigo Waldir Pires; prezado companheiro, senador Luiz Otávio; prezado ministro Guido Mantega; prezada Rosa Freire d’Aguiar; prezado líder Aloizio Mercadante; prezado José Luis Machinea; sra. professora Maria da Conceição Tavares – meu respeito e admiração; prezado líder Ney Suassuna, conterrâneo de Celso Furtado; minhas senhores e meus senhores.

Enquanto falava aqui o meu companheiro Renan, eu ficava imaginando como é possível ao Brasil revelar com tanto sentido de permanência, não apenas o economista, o estudioso, o patriota, o homem que confiava na democracia por confiar no país e no povo, mas a atitude diante dos desafios que sempre acompanhou a vida de Celso Furtado. Fiquei aqui imaginando Celso Furtado essencialmente como um paraibano, homem lá de Pombal, lá do agreste, do semi-árido nordestino. E a Paraíba é uma terra de cruzamento de todos os acontecimentos formadores da nossa história. Ali se bateram pela sobrevivência os mais bravos, os mais viris e os mais resistentes indígenas: os tabajaras. Quantas campanhas os portugueses tiveram que encetar ao sul, contra os caetés em Alagoas, e ao norte, contra os tabajaras, e, mais acima, contra os potiguares para limpar aquela área para o seu processo de colonização. E é legendaria a resistência que esses índios paraibanos impuseram ao ocupante português.

Ali na Paraíba também se travou a grande batalha pela libertação do Nordeste da ocupação holandesa, e era um desses paraibanos, não sei se o André Vidal de Negreiros ou o João Fernandes Vieira – o André Vidal de Negreiros –, um dos comandantes da resistência que preservou aquele espaço físico, como dizia Gilberto Freyre, para um único Brasil e não dois ou três Brasis, como aconteceu com os nossos vizinhos. Por ali também desceu o bandeirante paulista Raposo Tavares. Depois de suas investidas pela Amazônia, desceu pelo Rio Grande do Norte e pela Paraíba, onde também travou batalha contra os holandeses.

Por ali também passaram os padres, mártires da Confederação do Equador. Era o caminho do seminário de Olinda para o Crato, onde pregavam as idéias da democracia e do Iluminismo. E esses padres que cruzavam a Paraíba, entre o Crato e Recife e Olinda, deixaram talvez essa semente que alimentou a personalidade e a psicologia do nosso grande paraibano.

Para não falar também que por ali passou a coluna Prestes; por ali passou a Revolução de 30, na figura de João Pessoa, e por ali passou também a cultura brasileira, na presença do grande Ariano Suassuna.

Eu perguntava aqui ao dr. Waldir: Celso Furtado nasceu em 1920? Então deve ter passado a sua adolescência sob os efeitos da grande depressão. Na juventude, serviu como voluntário no corpo da Força Expedicionária Brasileira. Em seguida, naturalmente, alimentou-se do espírito de otimismo

– esse, sim, espírito de otimismo, e não o novo Renascimento a que se referiu recentemente um grande intelectual do nosso país –, espírito de otimismo e de confiança, no mundo e nas pessoas, que tomou conta do ambiente social, político e econômico depois da Segunda Guerra Mundial.

Creio que talvez Celso Furtado não precise tanto dessa homenagem. Talvez precisemos mais dele que ele da homenagem. Temos hoje mais necessidade dessa referência. Os livros de Celso Furtado para nós, nas universidades nos anos 1970, eram quase como livros de auto-ajuda que a classe média compra hoje por aí afora. Tínhamos essa referência porque confiávamos não apenas nas suas idéias, nas suas doutrinas, no seu pensamento, confiávamos principalmente na sua atitude, na forma como ele enfrentava e havia enfrentado os desafios para o desenvolvimento do Brasil. E era tão grandioso que, mesmo quando não acertava, como no prognóstico do ciclo e da fase de duração do regime militar, ele tinha discípulos, como a nossa Conceição, que acertavam em cheio sobre o que seria o período que se seguiu ao golpe de 1964.

Hoje, portanto, quando se fala tanto e se repetem teorias e doutrinas, esquece-se o contrato com a nação, com o povo, o contrato com o desenvolvimento, o crescimento econômico, o emprego, a renda, o combate às desigualdades regionais. É bom celebrar a presença de Celso Furtado.

Parabéns, senador Renan Calheiros. Parabéns, senador Luiz Otávio. Parabéns, minhas amigas e meus amigos. Muito obrigado.

MEDIADORA – Com a palavra, o Ministro Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Luiz Dulci.

LUIZ DULCI – Saúdo o presidente do Senado e do Congresso Nacional. Estive aqui no século passado. Fomos colegas na legislatura de 1983/1987, quando tínhamos uma grande frente oposicionista pela redemocratização do país, e constituímos a nossa amizade. Agradeço as palavras gentis do senador Renan Calheiros. Saúdo o presidente da Câmara dos Deputados, com quem tive a honra de atuar na equipe de governo do presidente Lula. E reforcei o meu amor ao Brasil, que já era, modéstia à parte, vigoroso, com esse convívio. O presidente Aldo Rebelo sempre me faz lembrar um texto de Machado de Assis chamado “Instinto de Nacionalidade”. É um dos homens com maior paixão pelo Brasil que já conheci.

Saúdo o secretário-executivo da CEPAL – Celso Furtado esteve fortemente ligado à criação e consolidação da CEPAL –, dr. José Luis Machinea, uma das grandes personalidades do debate econômico do nosso continente; o senador Aloizio Mercadante, também companheiro e amigo de tantas lutas; a jornalista, escritora, excelente tradutora Rosa Freire d’Aguilar, viúva do nosso homenageado. Ela é novinha, mas, há muitos anos vou acompanhando, é uma das melhores tradutoras brasileiras, se é que posso dar essa opinião impertinente aqui – como sou da área de filologia e lingüística; o mestre Waldir Pires, um dos grandes amigos de Celso Furtado, amizade que data do governo João Goulart, um era procurador-geral da República, e o outro era Ministro do Planejamento, cargo que acumulava com a direção da Sudene. Não sei se cometo algum erro. Depois, foram companheiros no exílio e trouxeram de volta essa elegância moral, essa dignidade exemplar na condução da questão pública; senador Luiz Otávio, amigo também, grande senador e grande paraense; presidente Guido Mantega, do BNDES. São tantas as personalidades ilustres aqui presentes, embaixadores de vários países, representantes da Finlândia – todos sabem que o Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento conta com o apoio político, cultural e prático de diversos países, e a idéia de sua criação foi lançada na Conferência de Helsinque; senadores Eduardo Suplicy, Ney Suassuna e Pedro Simon – o senador Pedro Simon foi colega dele em outro governo, quando Celso Furtado foi Ministro da Cultura, um esplêndido ministro. Foi ele que retomou, entre outros temas, o estudo sobre a economia da cultura, que resultou naquele belo livro *Cultura e desenvolvimento em época de crise*.

(a continuação da fala do ministro Luiz Dulci está transcrita na Apresentação deste Seminário.)

MEDIADORA – Assistiremos ao vídeo sobre o economista Celso Furtado (*exibição do slideshow*). Ouviremos agora o Ministro da Controladoria-Geral da União, Waldir Pires.

WALDIR PIRES – Depois dessa síntese emocionante e admirável da presença de Celso em nosso mundo e em nosso país, quero simplesmente saudar todos os meus companheiros da Mesa, todos os cidadãos e cidadãs que aqui se encontram, nesta oportunidade extraordinariamente importan-

te, no início dos trabalhos voltados para a construção da permanente presença de Celso Furtado na vida da nossa gente, do nosso tempo. Quero apenas saudá-los.

Quanto às mulheres, eu me dirigiria aqui a duas presenças marcantes da vida de Celso: sua companheira Rosa, que lhe deu tanta alegria e foi um sustentáculo tão permanente, tão constante em toda a vida de Celso nestes últimos 25 anos; e a nossa querida companheira Maria da Conceição, que é também um símbolo da resistência do pensamento econômico do nosso país.

Estou emocionado. Convivi com Celso nos anos do exílio. Almoçávamos juntos todas as semanas. Ele deixava a Sorbonne, em um curso na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas, em Paris, eu deixava as aulas que dava em um outro setor da minha área jurídica, e conversávamos sobre o Brasil.

Celso nunca foi simplesmente o economista; ele é, a rigor, o grande pensador do nosso país do século XX. Seus compromissos eram com a dignidade da nação, mas sobretudo com a dignidade do ser humano. A visão da economia, para Celso, era construtora de um mundo diferente. A busca permanente de situar os desafios que a humanidade viveu e vive, procurando ajustar a sua inteligência e capacidade à edificação de uma sociedade que seja digna. Por isso, no campo das atividades de Celso, ele sempre foi o pensador das transformações, com retidão, integridade, assentado no laborioso estudo, nas reflexões profundas, sem jamais perder a idéia clara do destino do pensamento humano e da sociedade.

De modo que uma homenagem como esta, a mim me parece – e eu a saúdo e dou os parabéns ao Senado, ao Aloizio Mercadante, ao senador Luiz Otávio, por este ato hoje aqui de instauração do seminário –, é algo que reflete a relação de Celso com as sucessivas gerações, talvez por causa de sua própria juventude. É não perder jamais a confiança e nunca suprimir das suas esperanças e dos seus compromissos a idéia de construir valores permanentes, eternos, valores que justificam toda a atividade humana. No campo do que foram a sua especialização e o seu trabalho, a idéia básica é de que a economia não pode ser – e nunca foi para Celso – uma ciência de verdades concluídas e limitadas. Ele sempre tinha a clareza de que a economia devia estar vinculada aos valores políticos, sociais, jurídicos, construindo uma sociedade em que a dignidade humana resulte em ética no trabalho

de todos nós, em cada um dos nossos setores. É não perder jamais a idéia de que, no fundo, é a dignidade do ser humano que deve ser a inspiração e o objetivo.

Há de ficar sempre dentro de mim esta alegria de ter podido compartilhar com Celso Furtado tantos anos de preocupação, confiança, insistência, determinação na construção de nosso país, em uma sociedade que seja digna e, por isso mesmo, de todos os brasileiros. Muito obrigado.

MEDIADORA – Ouviremos o presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, senador Luiz Otávio.

LUIZ OTÁVIO – Ministro Luiz Dulci, Secretário Geral da Presidência da República, membros da mesa, querida Rosa, viúva de Celso Furtado, que deu a oportunidade a todos nós e ao Brasil que nos acompanha, pela TV Senado, de ter esse momento de emoção e de satisfação em torno desse Brasil tão sonhado por Celso Furtado.

A Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal sente-se profundamente honrada pela realização deste seminário internacional. Era uma dívida que certamente não se esgota aqui e que tínhamos para com esse brasileiro singular, que dedicou sua vida a pensar o nosso país ao pesquisar o desenvolvimento. Celso nos proporcionou ganhos de compreensão acerca de nós mesmos, levando-nos a acreditar nas possibilidades reais de um modelo de desenvolvimento internacional autêntico.

Assim, é oportuno revisitá-lo e colocá-lo em perspectiva, para que as novas gerações também conheçam as generosas contribuições intelectuais de Celso Furtado, um dos expoentes do pensamento nacional e latino-americano, na segunda metade do século XX.

Homem de pensamento e de ação, Celso Furtado deixou uma bibliografia formidável, que contempla, desde o clássico *Formação econômica do Brasil*, para o entendimento da sociedade brasileira, até *Em busca de novo modelo – reflexões sobre a crise contemporânea*, um dos seus últimos trabalhos. Ao longo de sua carreira, Celso Furtado conseguiu a rara e feliz conjugação de intelectual e homem de Estado. Embora sua produção literária tenha sido intensa e regular por seis décadas, não foi um intelectual encastelado na torre de marfim, cercado de livros e teses. Além de toda a consistente e prestigiada bibliografia, em mais de cinquenta anos de assídua e profícua

freqüentação na vida pública, Celso Furtado desempenhou relevantes funções no Brasil e no exterior. Foi destacado colaborador na CEPAL, mais tarde concebeu e dirigiu a Sudene, foi Ministro do Planejamento, e, mais recentemente, na segunda metade dos anos 1980, deixou Bruxelas e veio atender a um pedido para assumir o Ministério da Cultura, no governo do presidente, hoje senador, José Sarney. Também como Ministro da Cultura deu forma e conteúdo a um ministério que ensaiava passos incipientes, e hoje é dirigido pelo ministro Gilberto Gil, e conseguiu a aprovação da primeira lei de incentivos fiscais à cultura, a Lei Sarney. Em todos esses postos relevantes, Celso Furtado sempre demonstrou capacidade de pensar o essencial, trabalhar o estrutural com os olhos voltados para o Brasil. Personalidade austera, elevado grau de disciplina, onde quer que estivesse, Celso Furtado tinha o incrível poder de mobilizar e inspirar seus colaboradores sem esforço, sem constrangimento. Exercia liderança com extrema naturalidade, pois compartilhava reflexão, ouvia e concertava propósitos para oferecer sempre o senso de direção e compromisso. Interesses menores, intrigas da corte, tudo isso passava ao largo de seu cotidiano. Sua vontade, inteligência e capacidade de trabalho sempre estiveram voltadas para as reais necessidades do Brasil. Mestre de todos nós aqui no Brasil, no Chile, na Argentina, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, Celso Furtado era reconhecido e prestigiado em todo o mundo e cumpriu uma trajetória que é motivo de orgulho para todos nós. Legou ao Brasil e ao mundo, em obras traduzidas para vários idiomas, um pensamento original e poderoso que se renova e se pereniza em discussões acadêmicas e influencia governos como até hoje influencia o governo do presidente Lula.

A força da sua produção intelectual fica evidente uma vez mais com este seminário internacional capaz de mobilizar políticos, administradores públicos, intelectuais, estudantes e estudiosos que se deixam sensibilizar por suas ações. Reunir no Senado da República alguns dos principais nomes da inteligência brasileira e latino-americana contemporânea, como Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa, Theotonio dos Santos, Octavio Rodríguez, Rubens Ricupero, Aldo Ferrer e Helio Jaguaribe, entre tantos estudiosos e especialistas de talento, é um enorme privilégio e uma grande oportunidade para que todos nós avancemos na compreensão do pensamento de Celso Furtado. Muito obrigado.

MEDIADORA – Com a palavra, o excelentíssimo líder do governo, membro titular da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal e autor do requerimento para a realização deste seminário, senador Aloizio Mercadante.

ALOIZIO MERCADANTE – Saúdo o ministro Luiz Dulci, o ministro Waldir Pires, companheiro presidente do BNDES, Guido Mantega, José Luis Machinea, secretário executivo da Comissão Econômica para América Latina, que muito nos honra com sua presença no Brasil neste evento, Rosa Freire d’Aguiar, companheira, viúva e testemunha de Celso Furtado.

Eu me lembro do dia 20 de novembro, ainda era cedo, quando o grande amigo de Celso Furtado, Ignacy Sachs, intelectual francês sempre presente no Brasil, me ligou dizendo que tinha acabado de receber a notícia do falecimento. Meu sentimento foi de profundo vazio. Um vazio pessoal porque toda uma geração aprendeu a acreditar no Brasil, a pensar o Brasil, a se estimular, ter ousadia e criatividade, sobretudo paixão pela economia brasileira, lendo o *Formação econômica do Brasil*, e um vazio na nação porque são essas grandes figuras que fazem o pensamento, criam a identidade, impulsionam um projeto de nação.

Peguei o telefone e compartilhei o meu vazio com minha companheira Maria da Conceição Tavares. Era a primeira pessoa com quem eu queria conversar. Em seguida, liguei para o presidente Lula e comuniquei-lhe o fato. Ele também ficou com o mesmo sentimento que o país inteiro passaria a ter. Depois liguei para o meu companheiro Gerson Gomes, economista discreto e competente e um dos grandes responsáveis por este acontecimento. Eu estava em uma reunião, e toda a imprensa estava lá. Desci e dei uma entrevista coletiva comunicando o que havia acontecido.

Um ano depois, estamos aqui para fazer uma reflexão obrigatória para quem quiser pensar esta nação. Não diria que vamos encontrar no pensamento da vasta obra de Celso Furtado, plural, rica, de tantos temas, uma resposta pronta, acabada, para nossos desafios, mas, seguramente, vamos encontrar as perguntas incômodas que ele nunca permitiu que fossem silenciadas. São essas perguntas, são esses questionamentos, são esses conceitos que exigem de nossa geração uma reflexão aprofundada sobre os desafios e os destinos do Brasil.

Queria ler algumas breves passagens para mostrar a riqueza, a consistência e a reflexão que ele propõe sobre o Brasil. Ele escreveu: “O subdesenvolvimento é um processo histórico autônomo e não uma etapa pela qual tenham necessariamente passado as economias que já alcançaram o grau superior de desenvolvimento”. A quem não teve a chance de ler *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, recomendo que o leiam. É um texto dos anos 1960 e significava, naquela oportunidade, uma ruptura com a idéia de que subdesenvolvimento era um estágio do desenvolvimento. Não, o subdesenvolvimento era uma condição que poderia perpetuar-se. Subestimar essa condição seguramente seria um caminho para perpetuar, ou prolongar por muitos séculos, essa condição precária das nações.

Nessa formulação, ele chamava a atenção para o desafio de construir forças políticas, econômicas e sociais, intelectuais capazes de romper as estruturas que vinham do passado colonial, escravista, de dependência, a fim de promover o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. Essa temática, essência do pensamento cepalino – a primeira escola do pensamento criada nos países em desenvolvimento –, seria a grande agenda dessa instituição que reuniu pensadores de grande estatura e inaugurava uma nova etapa no pós-guerra para esse imenso desafio que nós, seguramente, teremos de continuar trilhando.

Mais tarde, ele escreveu sobre a natureza do desenvolvimento: “O desenvolvimento não é apenas um processo de acumulação, de aumento de produtividade macroeconômica, mas principalmente o caminho de acesso às formas sociais mais aptas a estimular a criatividade humana e responder às aspirações da coletividade. Dispor de recursos para investir está longe de ser condição suficiente para preparar um futuro melhor para a massa da população. Mas quando o projeto social prioriza e efetiva a melhoria das condições de vida desta população, o crescimento se metamorfoseia em desenvolvimento. Ora, essa metamorfose não se dá espontaneamente. Ela é fruto da realização de um projeto, expressão de uma vontade política. As estruturas de países que lideram o processo de desenvolvimento econômico e social não resultaram de uma evolução inercial, mas de uma opção política orientada para formar uma sociedade apta a assumir um papel dinâmico nesse processo”.

Para ele, crescimento é uma condição necessária, mas insuficiente para o desenvolvimento. O desenvolvimento representa, portanto, a melhoria das condições de vida da população. O debate sobre distribuição de renda, sobre crescimento e desenvolvimento, o debate sobre resistência democrática se pautava em uma reflexão teórica, em uma disputa política que foi essencial para questionar, nos anos 1970, o que era aquele modelo de crescimento acelerado, mas de concentração de renda e riqueza. Era um desafio para a democracia e para a participação popular, sem a qual não concluiríamos propriamente um projeto de desenvolvimento.

Mais tarde, ele afirma: “Portanto, a crise que agora aflige nosso povo não decorre apenas do amplo processo de reajustamento que se opera na economia. Em grande medida, ela é resultado de um impasse que se manifestaria necessariamente em nossa sociedade, a qual pretende reproduzir a cultura material do capitalismo mais avançado, privando a grande maioria da população dos meios de vida essenciais. Somente a criatividade política, impulsionada pela vontade coletiva poderá produzir a superação desse impasse”.

Ora, a vontade coletiva requer o reencontro das lideranças políticas com os valores permanentes da nossa cultura. Portanto, o ponto de partida do processo de reconstrução deverá ser uma participação maior do povo no sistema de decisões. Sem isso o desenvolvimento futuro não se alimentará da autêntica criatividade e pouco contribuirá para a satisfação dos anseios legítimos da nação.

Esse debate dos anos 1980, na chamada transição democrática, na discussão sobre o significado de um Congresso Nacional Constituinte, sobre uma democracia participativa, sobre o povo como sujeito histórico das transformações, foi também uma das dimensões mais importantes dos desafios da transição democrática, a saber, os desafios na busca de um projeto de nação. Para Celso Furtado, o desafio maior era romper todos aqueles grilhões do período da ditadura e estabelecer uma democracia participativa, cidadã.

Ele escreve também nessa época o livro *Não à recessão*, texto agudo, denso, que questionava sobretudo o problema do endividamento externo e mostrava o impasse e as dificuldades que viveríamos ao longo dos anos 1980 e 1990. Foi uma obra muito importante para o debate do padrão de financiamento, da necessidade de renegociação da dívida externa, a fim de

que os países da América Latina pudessem reencontrar a estabilidade econômica e um desenvolvimento sustentável.

Ele também escreveu: “São muitas as incógnitas do problema a equacionar para responder às perguntas ‘Onde estamos?’ e ‘Para onde vamos?’. Se nos circunscrevermos aos elementos sobre os quais podemos atuar, comprovamos sem dificuldade que a questão central se limita a saber se temos ou não possibilidade de preservar nossa identidade cultural. Sem isso, seremos reduzidos ao papel de passivos consumidores de bens culturais concebidos por outros povos.”

Em meio à discussão da globalização e de toda agenda que esse processo político histórico colocava, Celso Furtado trouxe a questão da identidade cultural como dimensão indispensável da construção de um projeto de nação. E a dedicação dele, um economista, um homem público, ao tema da cultura – acho que a política precisa muito mais da cultura do que a cultura da política –, mostra também a grandeza do pensador de refletir sobre uma dimensão indispensável à resistência, a se pensar um projeto nacional, a dar continuidade à discussão da inserção soberana de um país como o Brasil a partir de nossa identidade, nossa auto-estima, nossa forma de ser, nossos valores.

Quero concluir – porque esta abertura é apenas para motivá-los e nos motivar como nação a refletir sobre Celso Furtado – que será uma longa tarefa a desse centro de estudos. Celso Furtado fala sobre a responsabilidade dos economistas: “Não é por arrogância que me atrevo a falar a meus colegas economistas”. Já estava com seus oitenta anos, mas com uma energia parecida com a da nossa Maria da Conceição Tavares, essa jovem senhora. Ele continua: “A idade não nos outorga direitos, mas a experiência nos arma para enfrentar muitos dissabores. Sabemos que uma luta dessa magnitude só terá êxito com a participação entusiástica de toda uma geração. A nós, cientistas sociais, caberá a responsabilidade de velar para que não se repitam os erros do passado, ou melhor, para que não voltem a ser adotadas falsas políticas de desenvolvimento, cujos benefícios se concentram na mão de poucos. Quando o consenso se impõe a uma sociedade, é porque ela atravessa uma era pouco criativa. Ao se afastar do consenso, o jovem economista perceberá que os caminhos já trilhados por outros são de pouca valia. Logo notará que imaginação é um instrumento de trabalho

poderoso e que deve ser cultivada. Perderá em pouco tempo a reverência do que está estabelecido e compendiado e, à medida que pensar por conta própria, com independência, conquistará a auto-confiança e perderá a perplexidade”.

Essa é a reflexão de minha intervenção inicial. Este continua a ser o maior desafio daqueles que estão na sala de aula se formando e daqueles que estão estudando para se formar. E essa reflexão me lembra muito um outro parceiro de Celso Furtado, pernambucano, Ariano Suassuna. Uma vez ele fez uma palestra inesquecível, falando do papel do intelectual, e lembrando que o primeiro intelectual que chegou a estas terras foi Pero Vaz de Caminha. O primeiro que escrevia e lia. Chegou com Cabral. Portanto, sua chegada já coloca a questão de qual é o papel do intelectual. E Pero Vaz de Caminha fez a sua escolha. Não refletiu sobre o que estava vendo a partir dos que aqui estavam, dos povos indígenas que encontrou, ou do que era essa forma de vida no futuro Brasil. Não. Ele refletiu a partir dos interesses do rei, para o rei. Aliás, convém lembrar que Brasil e brasileiro vêm de pau-brasil, que era a forma mais predatória de exploração da Mata Atlântica durante o processo de colonização: nós nos auto-denominamos como os predadores do meio ambiente, embora hoje o significado histórico seja outro, porque o povo reapropriou-se desses conceitos e deu-lhes uma outra dimensão.

E Pero Vaz de Caminha termina a sua carta pedindo um favorzinho ao rei para seu genro, que estava preso. Ou seja, demonstrou tipicamente a relação dos intelectuais com o poder.

Desde Pero Vaz de Caminha, cada intelectual tem que fazer a sua escolha: se fica com o rei ou com o Brasil, se fica com o povo ou com os interesses que não são necessariamente os da maioria da população, se fica com os escravos ou com o senhor. Essa definição do papel do intelectual significa necessariamente exemplos de integridade, atitudes, comportamentos, inquietudes, coerência. E Celso Furtado – esse breve vídeo fala por si mesmo – foi um homem que ajudou a constituir o Plano de Metas, de 1956 a 1961. Estamos aqui, nesta cidade, porque havia uma inteligência naquele governo que permitiu construir estruturas como esta e dar o salto da industrialização que demos naqueles cinquenta anos em cinco. Celso Furtado formulou o pensamento do desenvolvimento e executou, durante um período

importante, a implantação da Sudene, que penso ser um desafio deste Congresso Nacional.

A melhor homenagem que podemos fazer a ele é reaprovar o projeto da Sudene que tramita, discuti-lo democraticamente. O governo já o encaminhou há algum tempo, e o Senado Federal precisa aprimorá-lo, aprová-lo e colocá-lo como prioridade na agenda.

Um homem que executou o Plano Trienal, que foi a última tentativa de um plano de estabilização com reformas de base, em uma correlação política difícil, porque uma parte da esquerda preferia sonhar com o futuro a assumir a responsabilidade de governar. E quando falhou essa última tentativa de Celso Furtado e San Tiago Dantas, fracassou um projeto fundamental de preservar a democracia e buscar estabilidade e reformas de base, tentando administrar aqueles conflitos cuja solução talvez pudesse ter permitido que a história do Brasil fosse outra.

Por tudo isso e por tudo que já foi dito, termino com uma frase do presidente Lula: “A morte não representa a verdadeira etapa da trajetória de um ser humano quando ele deixa idéias que podem inspirar um povo e mover uma nação”. Esse, creio, é o caso do companheiro, mestre e amigo Celso Furtado. Muito obrigado.

MEDIADORA – Ouviremos o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, sr. Guido Mantega.

GUIDO MANTEGA – Bom dia a todas e a todos. Quero cumprimentar particularmente o Ministro Chefe da Secretaria Geral da presidência, Luiz Dulci, meu companheiro e amigo; o Ministro da Controladoria-Geral da União, Waldir Pires, também companheiro e amigo; o presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, Senador Luiz Otávio; o senador Aloizio Mercadante, companheiro de muitas lutas, membro titular da Comissão de Assuntos Econômicos; o secretário executivo da CEPAL, José Luis Machinea; a professora Rosa Freire d’Aguiar Furtado e as demais autoridades aqui presentes.

Para mim, é uma grande satisfação participar deste seminário internacional sobre Celso Furtado, porque ele foi um ícone da minha geração de economistas, juntamente com outros, como Ignácio Rangel, Caio Prado

Júnior e a professora Maria da Conceição Tavares. Certamente, a professora Conceição recebeu o bastão do Celso Furtado, quando ele nos deixou, para continuar a sua luta.

Celso Furtado é um economista que produziu uma obra fundamental para a compreensão do Brasil e, principalmente, para influir nos destinos do país. É o economista que talvez melhor represente o desenvolvimentismo, e que nos 1950 e 1960 era o representante do estruturalismo. Naquele tempo, os economistas se dividiam entre estruturalistas e monetaristas. Os monetaristas são os liberais da atualidade. E vejo aqui algumas figuras importantes do estruturalismo, como o professor Osvaldo Sunkel. Era uma corrente de pensamento que não aceitava as idéias prontas que vinham dos centros hegemônicos, as idéias monetaristas, as idéias liberais que nos eram vendidas, impostas. Essas idéias não foram aceitas pelo estruturalismo, que procurou cunhar uma interpretação própria e delinear um caminho para os países emergentes.

Celso Furtado se engajou no desenvolvimentismo, doutrina que permitiu que o Brasil apresentasse as maiores taxas de crescimento, talvez do mundo, naquela época. Temos saudades daquele tempo em que o Brasil crescia a taxas de 7, 8% ao ano e que nos permitiu superar a condição de país agroexportador. Celso Furtado procurou construir uma teoria do subdesenvolvimento que fazia clara distinção entre o crescimento econômico *stricto sensu* e o desenvolvimento. Para ele, o crescimento econômico seria para poucos se não se preocupasse com a inclusão social, com a distribuição de renda ou com o desenvolvimento das regiões mais pobres. E ele enfatizava que o importante era o desenvolvimento, um conceito mais abrangente, e que envolve a ação do Estado e programas de inclusão social e de distribuição de renda, constituição de um mercado de massas, de um mercado nacional que até hoje não se constituiu no país. Ele enfatizava que para alcançar o desenvolvimento era preciso definir um projeto nacional, que implicasse na atuação do Estado. O Estado tinha que aplicar políticas: política de desenvolvimento, política industrial e políticas de desenvolvimento regional. Portanto, o desenvolvimento não podia ficar na dependência apenas da atuação do mercado.

Furtado se preocupou muito com a questão regional. Ele foi um dos idealizadores da Sudene. Enquanto esteve à testa da Sudene, houve um cer-

to sucesso em sua obra, mas, depois, essas políticas de desenvolvimento regional perderam a eficácia. E acredito que Celso Furtado sofreu sérias frustrações com o que aconteceu no país e na economia brasileira a partir dos anos 1980. Furtado pôde ver a crise do desenvolvimentismo e a ascensão do neoliberalismo – aí sim, um colonialismo ideológico que não conseguiram implantar nos anos 1950, 1960 e 1970 obteve um espaço aberto na economia brasileira e também em outros países da América Latina. Esse pensamento liberal empobreceu o debate e teve como consequência as menores taxas de crescimento que já foram observadas no Brasil e em outros países da América Latina.

Furtado morreu no ano passado, provavelmente sem ter visto a resolução da questão regional. O Nordeste e outras regiões menos desenvolvidas do país continuam pobres. Ele não teve tempo de perceber as mudanças importantes que vêm ocorrendo no país a partir do governo Lula, que tem procurado pôr em prática uma parte da doutrina do Celso Furtado, evidentemente nos termos atuais da economia brasileira e internacional, e buscando promover um tipo de crescimento que combine o crescimento econômico com a inclusão social.

Esse novo modelo econômico vem se delineando desde 2004 e tem importante atuação em nível regional. O dinamismo do Centro-Oeste e do Norte, a redução da dependência do Brasil de outros países estrangeiros vêm se consolidando, assim como a ação do governo, principalmente no Nordeste, que é a região menos desenvolvida, a partir de vários programas estruturantes.

Nos próximos dias, o presidente Lula vai anunciar a ferrovia transnordestina, que é um programa estruturante para o Nordeste; a revitalização do rio São Francisco, com a construção de canais que vão levar água para as regiões de seca; a construção da rodovia BR-101, na parte do Nordeste, que vai facilitar o acesso, o transporte de mercadorias e turismo. São vários projetos de grande impacto que estão sendo implantados nessa região, como os programas de celulose – há cerca de três semanas, o BNDES aprovou um programa de investimento de R\$4 bilhões no sul da Bahia –; os estaleiros que estão sendo implantados em Suape, uma refinaria em Pernambuco; e a siderúrgica no Ceará, que já está sendo implantada a partir do BNDES.

Só para citar alguns números, ainda que rapidamente, os recursos que o BNDES vem alocando no Nordeste estão crescendo de forma extraordinária. Em 2002 foram aprovados para o Nordeste projetos que somam R\$3,2 bilhões; em 2003, R\$2,6 bilhões; em 2004, R\$1,6 bilhão; em 2005, já foram aprovados R\$5,7 bilhões – uma cifra inédita de financiamentos, que vão viabilizar projetos importantes para essa região. Acredito que, nos próximos anos, alguns sonhos do economista Celso Furtado estarão se realizando.

Portanto, parece-me muito importante a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, com o amplo apoio do BNDES, que cedeu espaço para a localização da sua sede. Acredito que é a união de dois símbolos importantes do desenvolvimento – o BNDES e o economista Celso Furtado. E a implantação desse centro vai permitir a estimulação da reflexão crítica, bem à moda do que praticava Celso Furtado, e a retomada de parte de suas idéias e projetos que possam levar este país, finalmente, ao desenvolvimento econômico. Muito obrigado.

MEDIADORA – Concedo a palavra ao sr. José Luiz Machinea, secretário executivo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

JOSÉ LUIS MACHINEA – Começaria com a afirmação de que Celso Furtado foi um prolífico historiador e ao mesmo tempo um teórico do subdesenvolvimento. Ele se debruçou sobre uma questão capital que foi a de como se formaram as estruturas sociais e políticas da América Latina, estudando particularmente as estruturas em relação aos países desenvolvidos. Nesse trabalho há momentos de inspiração maior que estão no *Formação econômica da América Latina* e no seu livro mais importante, que é o *Formação econômica do Brasil*. É interessante notar que depois de quatro décadas de sua publicação o livro continua a ser uma referência fundamental.

Além desse estudo, há o trabalho *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Furtado caracteriza o subdesenvolvimento como um processo em si mesmo e diz que suas condições históricas não desaparecem automaticamente com a modernização. Nas condições da periferia latino-americana há uma tendência perversa a uma preservação do subemprego e da dependência tecnológica. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* foi escrito em 1961 e em toda literatura econômica é difícil encontrar um livro que permaneça tão atual. O resto de sua contribuição teórica é importante, mas gostaria de destacar

sobretudo uma que teve um impacto transcendental nos debates teóricos sobre os modelos de desenvolvimento da América Latina. Estou me referindo a essa idéia introduzida por ele, e depois por Aníbal Pinto e Conceição Tavares, de que o perfil da demanda resultante da concentração da propriedade e da renda predefine o perfil da oferta e produz uma estrutura produtiva intensiva em capital e pouco geradora de emprego. Por esse caminho as colocações de Celso Furtado levam a que se estabeleça um padrão de crescimento incapaz de gerar suficientes postos de trabalho nos setores com maiores níveis de produtividade e assim se perpetua a má distribuição da renda.

Um tema muito prezado pela CEPAL é a formação e consolidação da capacidade técnica dos governos latino-americanos. Celso Furtado sendo um dos autores do primeiro texto “cepalino” sobre a matéria, deu aqui uma contribuição que é “Introdução à técnica de programação” e esse trabalho pioneiro serviu à CEPAL para ampliar a assistência técnica que ela prestou nas últimas décadas através do ILPES. Como todos sabemos Celso Furtado contribuiu para a transformação social e política da região. Seu trabalho intelectual se conjugou com a ação política, o que é o compromisso claro de um intelectual. Furtado está entre os representantes de uma classe intelectual latino-americana que mesclou a formulação teórica com a ação social transformadora.

Esse seminário tem um título muito sugestivo que é o da atualidade do pensamento de Celso Furtado sobre o desenvolvimento. Gostaria de mencionar alguns aspectos dessa atualidade.

As economias latino-americanas vivem um ciclo positivo, muito curto, certamente, desde fins de 2003 até os dias de hoje. Considerando o legado intelectual de Celso Furtado de permanente compromisso com a ação transformadora, pode-se perguntar qual seria a sua opinião sobre o momento atual. Permitam-me conjecturar, Celso Furtado certamente diria que as condições latino-americanas continuam a ser marcadas pelas profundas disparidades sociais, produtivas e institucionais, pela profunda heterogeneidade, pelo alto desemprego e subemprego que é a realidade da região. E por isso ele diria que o período de crescimento deveria ser aproveitado para consolidar os eventuais avanços, porque a responsabilidade central dos governos e das sociedades é planejar seu destino a longo prazo.

Se continuamos a conjecturar, ele diria que isso requer estratégias de desenvolvimento diferentes dos modelos neoliberais e políticas ativas no campo do desenvolvimento produtivo visando a igualdade.

Creio que esta seria parte da mensagem de Celso Furtado porque além do modelo dominante nos anos 90 ele sempre rejeitou a idéia de que as sociedades não podem e nem devem ter um verdadeiro processo democrático que influa no seu futuro socioeconômico se não puderem escolher seus próprios caminhos. A visão do pensamento único tem a característica de supor que o mercado resolve automaticamente os problemas de crescimento e de distribuição de renda. A partir da visão estruturalista que teve Celso Furtado na CEPAL estamos convencidos de que não há lugar para o pensamento único. Acreditamos que cada sociedade deve criar sua própria estratégia de desenvolvimento. Mas além das grandes semelhanças entre latinos-americanos e caribenhos que nos unem e integram como povos irmãos e solidários, há uma grande diversidade histórico-estrutural nos nossos países, o que se traduz em uma pluralidade de opções estratégicas sobre o desenvolvimento econômico e social.

Isso não significa que não haja certos princípios que nos guiam. O primeiro é que a igualdade deve estar no centro da agenda do desenvolvimento, no centro das políticas de governo. O segundo é que o Estado tem um papel fundamental no processo e não só o de se preocupar em fazer os mercados funcionarem. O terceiro, é que deu-se muita ênfase à macroeconomia nos últimos anos. Cremos que a macroeconomia deve, sem dúvida, cuidar da estabilidade nominal para se manterem os equilíbrios fiscal e monetário, mas deve também cuidar da estabilidade real. Na nossa região aprendemos que para ser progressista não há que ser populista, pelo contrário, os populistas nem sempre são progressistas. Também aprendemos que uma excessiva volatilidade de certos tipos de câmbio afeta o crescimento. Quando falamos de macroeconomia para o crescimento estamos falando de uma macroeconomia que leva em conta a volatilidade nominal sem deixar de considerar também a real, fundamental para qualquer política de crescimento. O quarto elemento tem a ver com a política de desenvolvimento produtivo, a ser implementada segundo as diferentes modalidades de cada país. E fortalecer a capacidade de um país tem a ver com infraestruturas, pequenas e médias empresas, estímulo a exportação, progresso

científico e técnico etc. O quinto elemento são as políticas sociais. A busca da igualdade deve ser um trabalho conjunto da política social com a econômica. A política social tem de integrar o trinômio emprego-proteção social-educação, única maneira de melhorar o capital humano e romper a reprodução intergeracional da pobreza e da desigualdade.

Quero enfatizar que a escolha e a aplicação das políticas desenvolvimentistas dependem dos modelos indiossincráticos de cada país. Talvez aqui resida a grande contribuição teórica de Celso Furtado: a idéia de que é preciso conectar a política econômica com a social, considerando seus pesos e hierarquias segundo o projeto nacional de desenvolvimento viável em cada país. Uma política de desenvolvimento tem de se basear nas virtudes mas também nos defeitos de cada país e no contexto histórico nacional e internacional a ser enfrentado em determinado momento. Foi o que disse Celso Furtado. Por tudo isso, Celso Furtado é para nós um motivo de profundo orgulho e de permanente inspiração. A ele estaremos sempre gratos por sua produção intelectual, sua riqueza ideológica, sua dedicação à causa desenvolvimentista dos povos da América Latina e Caribe. Para a CEPAL é uma honra render tributo a uma das personalidades mais e ricas e interessantes do século XX.

